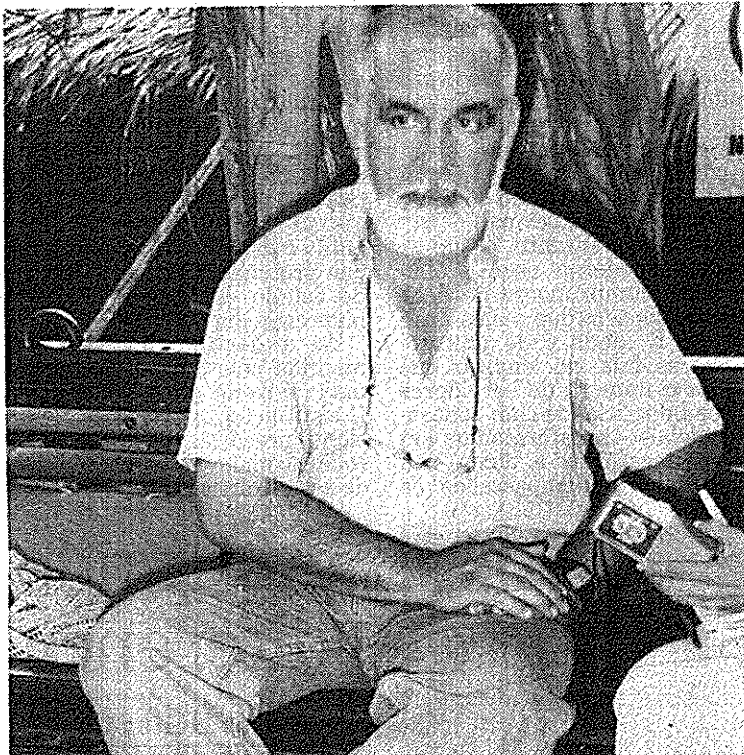




Arruda foi um dos primeiros a denunciar a biopirataria

## BIOPIRATARIA

# Arruda vê falhas na pesquisa amazônica

O inquérito civil instaurado contra a biopirataria no último dia 2 pelo procurador chefe da Procuradoria-Geral da República (PGR) no Amazonas, Sérgio Lauria Ferreira, rompeu o silêncio que vinha sendo dispensado pela Justiça e instituições ao problema.

Há mais de uma década, o professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade do Amazonas, Frederico Arruda, 49 anos, é praticamente a única voz a denunciar o problema. Só agora, com o novo e forte aliado, ele diz respirar com alívio. "Essa é uma ação da PGR histórica diante da perda de bilhões de dólares que temos por não produzirmos nada com a nossa biodiversidade e deixarmos o roubo livre e descarado", comemora.

Em entrevista à A CRÍTICA, Arruda critica o governo e as instituições de pesquisa, aponta caminhos a seguir e garante que só com a participação de todos será possível pelo menos reduzir a biopirataria.

Ana Celia Ossame

A CRÍTICA - O que o sr. achou da decisão da PGR de investigar o roubo de material biológico da Amazônia, a chamada biopirataria?

FREDERICO ARRUDA - Através da Portaria nº 021 da PGR se dá o primeiro passo para um esmiuçamento dessa vergonha que é a biopirataria. O documento é claro. Ele protagoniza um momento verdadeiramente histórico. É importante que a sociedade o apoie porque essa biopirataria representa um dreno através do qual estamos sendo sangrados.

AC - O que é biopirataria?

FA - Biopirataria é a biotranspecção feita de forma ilegal e ilegítima da flora e da fauna, inclusive os fungos. E implica no envio de amostras daqui da região para o exterior.

AC - Desde quando isso acontece e como?

FA - Há muito tempo, mas hoje é orientada por dois critérios. A seleção da área e a existência de populações tradicionais para dar informações e reduzir os custos em milhões de dólares. É a biopirataria somada ao roubo descarado da propriedade intelectual desse material. Por isso as florestas tropicais são alvo preferido.

AC - O que isso representa de perda para o País?

FA - Só vamos ter estimativas do que perdemos quando a investigação tiver seu curso final. Mas posso

garantir que estamos perdendo bilhões de dólares pelo que não estamos produzindo. O mercado químico-farmacêutico desponta com faturamento estratosférico e não fazemos nada nesse setor.

AC - A biopirataria acontece só na Amazônia?

FA - Acontece também na Mata Atlântica e Cerrado. A Secretaria de Assuntos Estratégicos admite agora, citando cifras, que coincide com as nossas de 20 mil extratos por ano só da Amazônia. Não estamos tendo idéia do que sai da Mata Atlântica e do Cerrado.

AC - E o que se pode fazer para combater isso?

FA - Gostaria que a Secretaria de Assuntos Estratégicos convencesse os executivos de todos os níveis, assim como os parlamentos através dos documentos que certamente dispõe sobre a biopirataria e convença a sociedade brasileira de que isso é uma questão de segurança nacional. Faz muito tempo que o Brasil deveria ter incluído a indústria farmacêutica como segurança nacional.

AC - É difícil descobrir o roubo?

FA - Não, às vezes é até fácil demais. As pessoas às vezes se empolgam e divulgam em matérias como na revista Carta Capital des-

te mês de maio. Nela, a Faculdade Objetivo através do barco Escola da Natureza mostra o envio de extratos de plantas recolhidas de Anavilhanas para o exterior. Só com um pouquinho de boa vontade, as agências encarregadas de fiscalizar vão ter elementos para fazer investigação rigorosa.

AC - Como agem os ladrões da biodiversidade?

FA - Eles investem nas populações tradicionais que nunca foram inseridas dignamente no contexto nacional, continuando marginalizadas. Com isso são alvo fácil para servir de guias e coletar material em troca de algum benefício. Temos caboclos e sertanejos que têm saber prático inexistentes nos pesquisadores. Já deveríamos ter no Brasil um programa para contratar essas pessoas para atuar dentro das instituições como parceiros e agentes transculturais já que nenhum professor de qualquer universidade brasileira tem conhecimento prático da Amazônia comparado ao dos caboclos. Não é à toa que os estrangeiros procuram os caboclos e não os cientistas para fazer pesquisas.

AC - Quem faz a biopirataria?

FA - Via Internet, consegui uma lista com mais de 50 nomes de empresas e institutos dos mais diversos países que vou apresentar na Assembléia Legislativa. Foi preparada por um grupo do exterior que denuncia o problema. Mas tem muita coisa que não se sabe. Eles conseguem o mate-

rial através de guias, por exemplo. AC - Como sai o material? FA - Sai até pelos Correios e é mandado vai na forma de extratos, o que reduz o peso e volume, colocando ainda em garrafas de plásticos.

AC - Como e onde fazer a fiscalização?

FA - Nos postos e aeroportos. É claro que isso não vai acabar com a biopirataria, mas deixá-la a um nível que a nossa dignidade suporte. E cumprir uma resolução determinando que se o projeto implica em remessa de material para o exterior, deve ficar uma duplicata no Brasil.

AC - Não é difícil pegar o roubo?

FA - Por exclusão é muito fácil. Se o CNPq ou demais instituições disserem à PGR não existir nenhum projeto de pesquisa em andamento que envolva a remessa de material biológico, tudo o que estiver sendo feito nessa área é biopirataria.

AC - O sr. pode citar algumas espécies que foram roubadas para uso farmacêutico?

FA - O jaborandi, de onde foi extraída a pilocarpina, usado contra o glaucoma, o veneno da jararaca foi usado para produção do capoten, remédio para pressão alta, o quebra-pedra, que deu origem a remédio contra hepatite B. São dezenas e dezenas.

penitica  
4/6/97  
19  
A3